

Entrevista
Cazarré,
escritor premiado

ver L E T U R A S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 23 de março de 1995



ouvir

refletir

Agitando
MP.95
o meio
cultural

Logo depois do término da II Guerra Mundial, quase todos os países do mundo já tinham implantado a televisão. O Brasil inaugurou a sua primeira emissora comercial — a TV Tupi — dia 18 de setembro de 1950 em São Paulo, com um programa humorístico de Mazzaropi, um número musical teatralizado, uma cena romântica com Walter Forster e Lia de Aguiar, um quadro sobre futebol, um número de bolero e um concurso de Prêmios.

Havia na cidade apenas 200 aparelhos de TV, número que aumentou para 375 logo em janeiro de 1951. Não existiam, no Brasil, indústrias de componentes técnicos de TV. Até as válvulas eram de fabricação americana, mas ao final da década de 50, Rio de Janeiro e São Paulo já contavam com meia dúzia de emissoras. No começo do governo de Juscelino Kubitschek foi grande o desenvolvimento do novo veículo, sendo promovido em meio ao ufanismo desenvolvimentista, o incitamento do empresariado e, por outro lado, uma investida maciça de verbas publicitárias.

Por volta da metade da década de 50, o número de aparelhos de TV não passara os 250 mil. Entretanto, isso não impediu que o jornalista e empresário Assis Chateaubriand comprasse, de uma vez só, nove estações nos Estados Unidos, embora não existisse uma infra-estrutura de imagem e de som, nem uma tradição de show business, no País.

A programação oscilava entre programas informativos — combinando noticiários de estilo radiofônico com debates e entrevistas — com programas educativos e de entretenimento. Igualmente o teleteatro marcou época na TV Tupi, com a **TV de Vanguarda**, a cargo de Ziembsky, Maria Della Costa, Procópio Ferreira e outros grandes profissionais



Dina Sfat e Francisco Cuoco contracenaram em "O Astro", de Janete Clair

da época. Ao público infantil eram destinados programas especiais, sendo que o Sítio do Picapau Amarelo, dirigido por Júlio Gouveia, estreado em 1951, permaneceu 14 anos no ar.

A ampliação do consumo industrial impulsionado na década de 50 fez sentir o seu efeito na de 60. Havia, então, 15 estações de TV concentradas nas capitais. Já estava bem delineado um perfil urbano de consumo e a televisão começou a assumir o caráter comercial, com disputas de verbas publicitárias e bus-

ca de maior audiência, acrescentando-se o fato da criação do videoteipe, recurso de repetição de imagem fundamental na técnica televisual. Em 1960, dois programas fizeram furor e causaram uma corrida publicitária sem precedentes no Brasil: a inauguração de Brasília, transmitida ao vivo, e Hamlet, de Shakespeare, adaptado e levado ao ar em videoteipe.

O começo da telenovela

O ano de 1962 foi o da grande escalada televisiva, graças a um esquema publicitário com base numa programação

unificada, ou seja, para aproveitamento de vários mercados consumidores, devido ao videoteipe. A telenovela ainda engatinhava nesse tempo. A primeira delas, enquanto narrativa em capítulos diários, estreou em julho de 1963 na TV Excelsior. "**25499 Ocupado**", de Tito Miglio, com Glória Menezes e Tarcísio Meira, teve patrocínio da Colgate-Palmolive e pode ser considerada a primeira história de amor da telenovela da televisão brasileira. Mas, foi um programa de pouca repercussão, pois na mesma TV Excelsior o sucesso era para os filmes, enlatados americanos, que eram obrigatoriamente dublados em português, por decreto governamental.

A experiência continuou e um segundo título — "**Aqueles que Dizem Amar-se**" — com Carlos Zara e Lolita Ro-

O Poder dos Telefolhetins

Wilson Rossato

Quiosque vira Centro Cultural

Todo ano, no sétimo domingo após a Páscoa, dezenas de cavaleiros e cantadores se reúnem para realizar mais uma Festa do Divino, um evento cultural que se repete, tradicionalmente, no Brasil, desde o século passado, e que, no Distrito Federal, só acontece em Brazlândia. Iniciados com novena e missa, os festejos do Divino incluem passagens dos cavaleiros por várias residências, onde cantam e dançam a catira, e se

encerram com um almoço oferecido aos cavaleiros e aos devotos.

Considerada o mais tradicional evento da cidade, a Festa do Divino não representa, no entanto, a única manifestação cultural de Brazlândia. Nascida muito antes de Brasília, Brazlândia, hoje com cerca de 70 mil habitantes, é reconhecida não só pela sua fama de cidade pacata, com características de interior, como também pelas manifestações culturais que

têm divulgado seu nome Brasil a fora, como é o caso, por exemplo, do artista plástico Galeno, premiado nacionalmente, e de artesãos como Seu Quincas, cujos trabalhos em buriti são dos mais procurados pelos turistas.

Seja nas artes plásticas, na música, no artesanato, ou no folclore, o fato é que Brazlândia tem muito o que mostrar. Para que todo esse trabalho seja difundido e novos talentos sejam incentivados, apresentei, no

início deste mês, projeto de lei que cria a Casa da Cultura e o Pólo de Artesanato de Brazlândia, que, de acordo com a proposta, deverá funcionar no prédio público conhecido na cidade como "Quiosque". A aprovação dessa proposta vai representar um importante impulso ao desenvolvimento cultural de nossa região, garantindo não só o registro da memória de nossas tradições culturais, como o incentivo à criatividade de nossa população.



Edimar Pireneus

PP

drigues, conservou todas as características da atração anterior: estrutura simples, enfoque quase que unicamente para os problemas amorosos do casal central, não havia tramas paralelas, o elenco era pequeno e a média era de 50 capítulos.

Os musicais assistem ao seu apogeu nessa época, entre 1964 e 1968, na TV Record (O Fino da Bossa, Jovem Guarda, Bossaude), culminando com os festivais da canção popular brasileira.

A "era da telenovela" tem início em 1964, com "O Direito de Nascer", originalmente uma novela de rádio do cubano Félix Cagnet. Adaptada para o vídeo por Teixeira Filho e Talma de Oliveira, a novela teve expressiva audiência na TV Tupi. Em 1965 é também o ano da inauguração da TV Globo, com o respaldo da popularidade de uma emissora de rádio e de um jornal diário, além de garantida financeiramente por um contrato com o grupo americano de comunicações Time-Life. Desde o início a Globo procurou produzir 60% de sua programação (atualmente produz quase 100%). O sucesso sem precedentes da Rede Globo, a partir de 1967, foi um resultado tanto da aplicação do modelo americano de exploração comercial (vendendo o tempo para a publicidade como um todo e não mais em programas isolados), como da inauguração de sucessivas emissoras geradoras em pontos estratégicos do País, liderando, dessa maneira, financeira e tecnologicamente o sistema.

A partir do sucesso de "O Direito de Nascer", a TV brasileira foi transformada. A programação foi horizontalizada (o mesmo produto de segunda-feira a sábado) e a telenovela passou a ter uma grande influência. Record, Tupi, Excelsior e Globo entraram com toda força na produção de novelas. A telenovela foi consolidada junto ao gosto do público brasileiro.

Todavia, mesmo a telenovela brasileira dominando a programação, ainda estava sob



O circo teve a sua função lúdica substituída pela televisão nas cidades neste final de século, onde despontam os telefolhetins

forte influência do estilo herdado dos mexicanos e argentinos, ou seja, os dramalhões inverossímeis. É dessa maneira que uma escritora cubana, **Glória Magadan**, reinava com suas novelas na televisão brasileira. Mas a inquietação era muito grande e cobravam dela um posicionamento mais coerente com o País e seu povo.

A renovação

Beto Rockefeller (com o ator Luiz Gustavo) representou a grande renovação do gênero, com a agilização dos diálogos; a mudança da linguagem, tornando-a mais coloquial e a entrada do cotidiano da realidade brasileira. Entre 1968 e 1969 (quando a novela foi ao ar), o Brasil inteiro se divertiu com as trapaças do malandro Beto Rockefeller que queria entrar para a alta sociedade paulista. Depois dele, a telenovela mudou no Brasil.

Uma das melhores ficcionistas da TV foi, sem dúvida, Janete Clair (1925-1983), consi-

derada como a "Maga das Oito", tamanho o sucesso de suas novelas, como: Irmãos Coragem, Selva de Pedra, Pecado Capital, O Astro, e muitas outras no horário das 8 da noite. Esposa do dramaturgo Dias Gomes, Janete começou escrevendo radionovelas e depois estreou na TV Tupi, em 1963, com a novela **O Acusador**, que teve pouca audiência devido as atenções do público estarem voltadas para a TV Excelsior, na época. Considerado como o maior telenovelistas da atualidade, Gilberto Braga (autor de Pátria Minha, exibida atualmente), considera-se "cria" de Janete Clair.

Outra autora considerada "mágica" na arte de criação de telenovelas é a santista Ivani Ribeiro, uma recordista entre os autores da telenovela brasileira, com 39 títulos, sendo que muitos desses títulos foram enormes sucessos de audiência. Como Janete Clair, Ivani começou no rádio

e estreou na televisão, escrevendo para a TV Tupi.

O Telefolhetim

Há 20 anos atrás era fácil dizer quem era a audiência das telenovelas: eram as donas-de-casa da classe média. Isso não acontece mais hoje. O público atual é generalizado, todos assistem telenovelas. Deixou de ser assunto para mulheres e faz parte do cotidiano de toda a população de um país.

Na verdade, o termo "telenovela" não é o mais apropriado para designar o gênero. Senão, vejamos. A definição de Folhetim é: "Longa história parcelada, desenrolando-se segundo vários trançamentos dramáticos, apresentados aos poucos. O vocábulo vem do termo francês **feuilleton** e designava uma seção específica dos jornais franceses da década de 1830. A peculiaridade do folhetim residia na exploração de histórias repletas de peripécias, com um sem-número de personagens às voltas com temas que iam desde a orfandade, casamentos desfeitos por tramas diabólicas, raptos, vinganças, testamentos e falsas identidades." Como podemos ver, o que chamamos de telenovelas são, na verdade, telefolhetins.

Uma telenovela, geralmente, tem mais de cem capítulos (duração de 7 a 8 meses) e roteiros com mais de 3 mil páginas. São obras "abertas", ou seja, durante sua exibição podem ser mudadas, ou transformadas, de acordo com a vontade do público, que é captada por empresas especializadas na área. Por isso, podemos dizer que não é só o público que vive a ansiedade dos próximos capítulos, mas também o autor que fica esperando as "respostas" do seu grande público para continuar a redigir a história. A telenovela é o folhetim moderno, ou a paraliteratura de imaginação mais popular.

O domínio da Globo

A TV Globo exporta seus programas para 128 países e seu principal produto de exportações é a telenovela. A

primeira experiência ocorreu em 1975, quando **Gabriela** foi exibida em Portugal. A aceitação da novela foi tão boa que estimulou a Globo a trabalhar o mercado mundial. Dez anos depois, Portugal já havia comprado 16 telenovelas brasileiras, num total de US\$ 3,7 milhões.

Logo depois de Portugal, as exportações foram orientadas para os países de língua espanhola da América Latina. A primeira novela dublada para o espanhol foi **O Bem Amado**, vendida a uma TV uruguaia. As novelas brasileiras só têm problemas com o México e a Argentina, que são dois tradicionais produtores e exportadores de telenovelas. A colocação das telenovelas na Europa começou pela Itália, onde são exibidas desde 1981. O maior sucesso foi alcançado pela **Escrava Isaura**, que chegou a bater a audiência do principal telejornal da TV italiana. A antiga União Soviética também tornou-se um comprador, além da China, Cuba, Polônia, etc. O mercado mais difícil de ser conquistado tem sido o dos Estados Unidos, onde estão as principais indústrias de cinema e TV mundiais.

A TV Globo concentra, no Brasil, o maior volume de audiência, chega a atingir 80 milhões de telespectadores, e o chamado "padrão global" é, na verdade, uma planejada estratégia de marketing, unindo eficiência empresarial, competência técnica e sintonização com as necessidades subjetivas dos telespectadores através de pesquisas. Estima-se que 75% de toda verba publicitária canalizada no País para a televisão seja absorvida pela Rede Globo, correspondendo a meio bilhão de dólares por ano. E toda essa audiência e poder econômico se devem muito em toda a história da rede aos seus bem cuidados telefolhetins.

□ Wilson Rossato é jornalista e autor de livros de bolso

Valorização das artes em Brasília

Nascido junto com a Câmara Legislativa do Distrito Federal, o jornal DF-Letras reaparece num momento importante em que o Poder Legislativo local caminha firme e aceleradamente na direção de sua consolidação definitiva como o verdadeiro canal de representação das aspirações da população brasiliense. De linha editorial séria, e sem...

compromisso com dogmas ideológicos de qualquer natureza, o jornal DF-Letras, durante sua primeira fase de publicação, conquistou espaço junto aos leitores pela qualidade elevada das matérias culturais editadas em suas páginas.

Todos temos consciência da riqueza cultural que cerca nossa cidade. Todavia, ela sempre foi obrigada a consumir e digerir produtos

culturais enlatados e de qualidade quase sempre duvidosa. Por isso, resgatar a cultura local deve ser compromisso maior do DF-Letras que, a exemplo do primeiro período de circulação, procurou valorizar os artistas brasilienses e sua arte.

Nós, parlamentares e funcionários da Câmara Legislativa, bem como toda a comunidade, não podemos

deixar, portanto, de aplaudir e apoiar essa feliz decisão de relançar um canal que vai balançar o ainda tímido movimento cultural da cidade há muito tempo esquecido.

Com o relançamento do DF-Letras, ganham espaço também as manifestações culturais das cidades-satélites e dos assentamentos. Os artistas destas localidades têm muito o que mostrar.



Tadeu Filippelli
PP